

As memórias da sociologia

BOTELHO, André; HOELZ, Maurício; CARVALHO, Lucas. Modos de narrar a sociologia brasileira. São Paulo: Hucitec, 2025.

João Marcelo Ehlert Maia^{1*} 

Resumo

Esta resenha analisa a coletânea *Modos de narrar a sociologia brasileira*, organizada por André Botelho, Maurício Hoelz e Lucas Carvalho e lançada em 2025, que reúne trechos de 26 memoriais apresentados por sociólogos e sociólogas brasileiros entre 1998 e 2023. A resenha analisa o trabalho de memória efetivado em tais documentos, discute o seu rendimento para pesquisas sobre a história da sociologia e debate o enquadramento teórico proposto pelos organizadores. Ao final, argumenta-se que os memoriais também podem ser entendidos como “performances” orientadas para controvérsias intelectuais contemporâneas.

Palavras-chave: história da sociologia, pensamento social, memoriais, sociologia brasileira.

Memoirs of sociology

Abstract

This review analyses *Modos de narrar a sociologia brasileira*, a volume edited by André Botelho, Maurício Hoelz, and Lucas Carvalho and released in 2025, which compiles excerpts from 26 academic memoirs submitted by Brazilian sociologists between 1998 and 2023. The review analyses the work of memory embodied in these documents, discusses their value for research on the history of sociology, and examines the theoretical framework proposed by the editors. Finally, it argues that memoirs can also be understood as “performances” geared toward contemporary intellectual controversies.

Keywords: history of sociology, social thought, academic memoirs, Brazilian sociology.

¹Fundação Getúlio Vargas – FGV, Escola de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

*Correspondência: joao.maia@fgv.br

Por que publicar uma coletânea de memoriais acadêmicos? Para além da evidente curiosidade em conhecer detalhes de trajetórias de colegas estimados, haveria algum interesse propriamente sociológico nesse tipo de material? Esta resenha procura responder a essas duas perguntas por meio de uma análise da obra *Modos de narrar a sociologia brasileira*, organizada pelo trio André Botelho (UFRJ), Maurício Hoelz (UFRRJ) e Lucas Carvalho (UFF).

A robusta coletânea, editada em 2025 pela Hucitec em conjunto com a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) no âmbito da coleção Pensamento Político-Social, combina trechos de 26 memoriais defendidos por cientistas sociais de diferentes gerações e regiões do Brasil, a que se soma uma apresentação de Edna Castro, presidente da SBS, e uma introdução assinada pelos organizadores. Os textos compreendem um período delimitado entre os anos finais da década de 1990 e os primeiros anos da década de 20 do século XXI – os mais “antigos” são os de Irllys Barreira (UFC), Leopoldo Waizbort (USP)¹ e Elisa Reis (UFRJ), todos datados de 1998, e o mais recente é de Adalberto Cardoso (IESP), apresentado em 2023.

A leitura das 434 páginas que compõem a obra não é tarefa simples, pois demanda do leitor a familiarização com universos intelectuais e geracionais distintos. Afinal, embora o memorial tenha suas regras, pois constitui uma espécie de gênero acadêmico já razoavelmente estabelecido, cada autor escolhe conduzir sua narrativa a partir de uma determinada “tematização de si” que pode variar enormemente (Waizbort, 1998). Mas é justamente nessa peculiar combinação entre regras compartilhadas e “autotematizações” plurais que reside um dos pontos de interesse sociológico desse material, em especial para historiadores da sociologia.

¹ Note-se que Waizbort produziu três memoriais diferentes, sendo o primeiro deles concebido em 1998. Além desses textos, o sociólogo paulista publicou um breve ensaio sociológico dedicado ao tema (Waizbort, 1998).

1. A memória dos “memoriais” e a história da sociologia

O subcampo da história da sociologia tem avançado enormemente nas últimas décadas, em especial a partir da interlocução com procedimentos metodológicos típicos da história da ciência e da história intelectual (Jones, 1983). Como parte desse processo, ampliou-se o interesse por diferentes documentos que possam constituir fontes primárias novas para o entendimento dos contextos de produção das ideias e das obras que marcaram a disciplina (Sica, 1995).

Nessa “corrida aos arquivos”, os fundos pessoais e, em especial, o epistolário dos sociólogos parece ter ocupado papel de relevo nas pesquisas, seja por permitirem o acesso aos bastidores do fazimento de obras, seja por oferecem uma janela para as redes de interação que moldaram práticas de trabalho e modos de pesquisa (Sorá, 2019, Maia e Rodriguez, 2023, Goodwin; Hughes, 2011, Consolim, 2021). Note-se que esse movimento também foi seguido por pesquisadores do pensamento social no Brasil – campo de origem interdisciplinar em que a interlocução entre cientistas sociais e historiadores se mostrou decisiva (Maia, 2021) –, tendo resultado em trabalhos exemplares que lançaram mão de cartas, arquivos institucionais e diários pessoais (Carvalho, 1998, Maio, 1999).

Como, então, pensar o lugar dos memoriais nesse universo de fontes? De que forma podemos interpretá-los à luz dos interesses de pesquisa de historiadores da sociologia e do pensamento social?

Os memoriais oferecem ao historiador da sociologia ao menos duas camadas de leitura. Em um nível factual, é possível percorrê-los em busca de informações sobre as diferentes dimensões que compuseram o processo de institucionalização da disciplina no Brasil. O texto de Renato Ortiz (UNICAMP)², por exemplo, apresenta histórias e anotações preciosas sobre como se davam os processos de contratação em universidades públicas em período no qual a

² Ortiz optou por publicar trechos de um adendo ao seu memorial, que foi divulgado na Biblioteca Virtual do Pensamento Social em 2024.

realização de concursos não era prática disseminada, além de permitir ao leitor entender um pouco melhor a formação do mercado de trabalho intelectual nos anos de 1970. Outros textos, como o de Antônio Sérgio Guimarães (USP, defendido em 2003), revelam como equipes de pesquisa eram formadas em contextos nos quais a institucionalização científica se processava de modo desigual. Finalmente, memoriais como o da já citada Irllys Barreira oferecem uma visada preciosa para processos de construção institucional em universidades e programas que, a despeito de sua relevância e força, não costumam ser “memorializados” adequadamente na história da disciplina, como foi o caso da Universidade Federal do Ceará na década de 1980.

Pensando nessa primeira camada de leitura, é fato que o uso mais sistemático desses registros pode contribuir para projetos historiográficos que ampliem o *corpus* empírico para além de livros, artigos e materiais textuais mais canônicos, incorporando uma gama de registros que dão conta da experiência cotidiana do fazer científico e intelectual, em linha com tendências mais avançadas no campo da história da sociologia e do pensamento social no Brasil.

Porém, há outra camada de leitura acessível ao historiador mais atento, que se refere ao modo como o trabalho de memória é efetivado pelos autores desses textos. Como alertam os organizadores, “É preciso, contudo, suspeitar do estatuto de ‘documentos’ que esses textos podem reclamar para si” (p. 19). Mais do que investigar os memoriais em busca de dados ou informações sobre o passado, é possível inquiri-los em busca dos enquadramentos que eles próprios produzem sobre a história da sociologia. Por exemplo, que contextos são acionados para a explicação das trajetórias e como eles são mobilizados pelos autores?

Em alguns casos, como os de Sérgio Adorno (USP, defendido em 2003), a variável “geração” surge com destaque, indicando um modo de situar a subjetividade intelectual a partir de uma trama coletiva ampla. Não à toa, a frase que abre o trecho escolhido é: “Minha geração conheceu o fim da ditadura militar e o processo de transição democrática” (Adorno, 2025, p.

399). Em outros, como os de Marcelo Ridenti (UNICAMP, defendido em 2004) e do já citado Renato Ortiz, o tema geracional é filtrado a partir de uma espécie de romance de formação de jovens inquietos, que retratam a sociologia como um estilo de vida associado a um projeto mais amplo de *estar no mundo*. A pergunta que abre o memorial de Ridenti é: “De vez em quando me pergunto: por que me tornei sociólogo, abraçando uma visão de mundo anticapitalista?” (Ridenti, 2025, p. 299). Finalmente, em outros, como o de Maria José Teisserenc (2025), as tensões e os encontros entre as origens populares e a experiência acadêmica surgem com destaque, em uma tematização construída a partir da mediação de memórias recolhidas da vivência com a mãe da autora: “Ainda estava pardo, apenas começava a clarear, pela memória da minha mãe, de quem herdei muitos dos elementos desta narrativa” (Teisserenc, 2025, p. 332).

Esses diferentes tipos de trabalho de memória procuram situar o sujeito que narra à luz de um enredo, que pode ser organizado pela geração, pelas aventuras e os conflitos de um jovem num mundo fragmentado e caótico, ou pelos itinerários de uma família no sertão. Nesse sentido, os memórias adotam estratégias narrativas que dizem muito sobre os autores, mas também sobre os recursos que consideram legítimos para a produção de seu “valor” (ou seu engrandecimento, como diria o sociólogo francês Luc Boltanski). Ciente de tal fato, o historiador atento poderia, por exemplo, verificar a persistência de certos enquadramentos em agrupamentos geracionais, analisar eventuais marcações de gênero no modo como se tematiza a família, ou inquirir por que o modelo “romance de formação” parece estar ausente dos relatos dos mais jovens.

Finalmente – e isso não é registro de pouca monta –, note-se que os enquadramentos dizem respeito não apenas ao passado, mas também às disputas do presente. Assim, é interessante notar como alguns – caso de José Maurício Domingues (IESP, defendido em 2021) – optaram por selecionar os trechos do memorial que sintetizam o seu projeto teórico, situando-o à luz de alternativas disponíveis como forma de realçar sua originalidade.

Trata-se, é claro, de uma peça escrita com olho na disputa intelectual atual. Do mesmo modo, Richard Miskolci (UNIFESP, defendido em 2020) traz para o centro de sua escrita as controvérsias que experimentou nos embates com o ativismo LGBTQIA+, relendo aspectos de sua trajetória à luz desse contencioso. Ao historiador da sociologia, o exame de tais textos revela que os enquadramentos do que se imagina ser um “passado” são, antes de tudo, dispositivos acionados para a intervenção atual em contendas políticas, científicas e intelectuais.

2. Publicando memoriais: questões de uma sociedade dos textos

O valor historiográfico desses materiais relaciona-se não apenas ao que eles nos informam sobre os autores e seus projetos de sociologia, pois os textos ganham novo significado quando editados em um livro. Faz-se necessário, portanto, visitar a obra “em si”, como totalidade expressiva, e inquirir os seus sentidos possíveis. Há, em primeiro lugar, um valor *documental* evidente nessa publicação, que diz respeito ao esforço feito pelos organizadores para colocar em circulação textos cuja leitura usualmente limita-se às bancas de progressão funcional. Em segundo lugar, há um valor *pedagógico*, pois a leitura conjunta de um número tão grande de textos dessa natureza permite compreender as regras de funcionamento do gênero, sobre as quais muito pouco se fala. Mas creio que a dimensão mais produtiva de tal coletânea se refere ao modo como o livro acaba operando como uma forma de *intervenção* no debate sobre a história das ciências sociais no Brasil.

Essa dimensão é reconhecida no texto introdutório que abre o livro, e que oferece uma visão sintética do programa teórico que vem sendo desenvolvido no âmbito do Núcleo de Estudos Comparados e Pensamento Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ e na Biblioteca Virtual do Pensamento Social (BVPS). Os autores e autoras que fazem parte dessa rede filiam-se a uma abordagem da sociologia cultural que privilegia os textos como peças que produzem sentidos e coordenam modos de ação

coletiva, diferenciando-se, portanto, das conhecidas análises contextualistas robustas que marcaram a sociologia da cultura feita sob inspiração de Sérgio Miceli na USP.

Nessa abordagem, que combina *insights* de nomes como Jeffrey Alexander, Anthony Giddens e Niklas Luhmann, e, mais recentemente, de teóricos da literatura como Silviano Santiago, os escritos de artistas e intelectuais não são vistos como faturas de trajetórias e disputas sociais, mas como peças criativas que moldam sentidos e abrem horizontes de compreensão do mundo social. Fieis a tal abordagem, os autores argumentam que os memoriais devem ser vistos menos como documentos (embora esta leitura seja possível, é claro, desde que guarnecida contra os perigos da ilusão biográfica), e mais como modos de narrar e expressar as controvérsias e vivências que constituem a sociologia. Nas palavras dos autores,

O que se busca com essa iniciativa, portanto, é contribuir para a passagem de uma sociologia do conhecimento – preocupada em explicitar que as ideias são socialmente enraizadas e construídas – a uma teoria da reflexividade, capaz de demonstrar que as ideias (sociológicas no caso) participam da construção do social (p. 20-21).

Nesse sentido, deve-se ler essa coletânea – e, em especial, o que é dito nesse trecho da introdução – à luz de outra coletânea, esta assinada por Botelho, Hoelz e André Bittencourt, intitulada *A sociedade dos textos* (Botelho; Hoelz; Bittencourt, 2022).

Na apresentação dessa outra obra, é possível ler:

textos são forças sociais reflexivas em relação à sociedade que se forja, eles participam de sua construção, ajudam a conferir sentido às ações, relações e processos coletivos e individuais. Eles tecem a trama do social, codificam e formalizam repertórios de significados e ações a respeito de circunstância de caráter social significativas como modos de existência (Botelho; Hoelz; Bittencourt, 2022, p. 14).

Ou seja, ao editarem os memoriais, os autores procuram construir uma textualidade mais ampla, conferindo a esses documentos – usualmente lidos por poucos em condições específicas – sentidos novos, integrando-os a partir do tema da narração da sociologia. Publicados como capítulos de um livro, os memoriais ganham vida como episódios de uma trama plural que tem por nexos principais a construção da sociologia como um processo coletivo. Assim, os sentidos conferidos pelos atores por meio dos enquadramentos (geracionais, temporais etc.) forjam um novo texto, este efetivado pela mediação entre a forma expressiva e a leitura efetivada no presente, que é condicionada pela introdução dos organizadores.

O saldo final do projeto é certamente bem-sucedido, mas é sempre possível apontar questões que poderiam ser adensadas. Uma delas diz respeito à seleção dos autores publicados. Quais foram os critérios utilizados pelos organizadores? Uma segunda questão relaciona-se ao modo de recortar os memoriais, que, por definição, são documentos extensos. Houve alguma orientação editorial? Ou a escolha dos trechos foi deixada a critério de cada professor? Se entendemos que tais textos constituem-se como documentos que podem ser utilizados – e citados! – por outros pesquisadores, seria fundamental entender o processo metodológico que levou à construção da fonte.

Outra questão diz respeito ao enquadramento teórico trabalhado pelos organizadores. Fiéis à abordagem reflexiva que os inspira, Botelho, Hoelz e Carvalho foram muito felizes ao destacarem a natureza narrativa desses textos, privilegiando-os como dispositivos de produção de sentidos na vida intelectual. Mas memoriais são também peças de disputa e confronto e traduzem (ou estilizam) posicionamentos, interesses e crenças arraigadas a respeito da legitimidade de agendas e estilos de trabalho. Há alternativas mais flexíveis para a análise dessa dimensão que não reiteram o modelo bourdieusiano, que parece ser fortemente rejeitado pelos autores. Penso, apenas como exemplo, na *positioning theory* de Patrick Baert, que é baseada na hipótese de que agentes intelectuais produzem intervenções intelectuais

por meio de posicionamentos de si e de outros (Baert, 2012). Na visão de Baert, dispositivos retóricos são fundamentais para esse trabalho de performance, cuja relevância reside nos efeitos produzidos, e não somente no que determinado posicionamento “reflete” ou “expressa”. É uma abordagem que dialoga diretamente com a tese do efeito social das ideias, embora ganhe uma tintura relacional mais acentuada.

Fato é que a publicação de *Modos de narrar a sociologia brasileira* é uma obra com múltiplas possibilidades de apropriação. Como destaca Edna Castro na sua apresentação, o livro oferece a todos os praticantes das ciências sociais uma visão dos sonhos e dos afetos que mobilizam os sociólogos e as sociólogas brasileiras. Ao jovem estudante de pós-graduação, *Modos de narrar a sociologia brasileira* é uma porta de entrada para a experiência vivida de seus professores e, em especial, para as regras que organizam a tradução dessa experiência em registro textual. E, finalmente, para os historiadores da sociologia e do pensamento social, o livro oferece uma amostra robusta dos diferentes trabalhos de memória que constituem a sociologia no Brasil.

Referências

1. ADORNO, Sérgio. Memorial apresentado em 2003 na USP. In: BOTELHO, André; HOELZ, Maurício; CARVALHO, Lucas (ed.). **Modos de narrar a sociologia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 2025. p. 399-416.
2. BAERT, Patrick. Positioning theory and intellectual interventions. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 42, n. 33, p. 304-324, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1468-5914.2012.00492.x>.
3. BOTELHO, André; HOELZ, Maurício; BITTENCOURT, André Veiga. Os textos dos textos: apresentação. In: BOTELHO, André; HOELZ, Maurício; BITTENCOURT, André (ed.). **A sociedade dos textos**. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2022. p. 11-19.
4. CARVALHO, Maria Alice. **O quinto século**: André Rebouças e a construção do Brasil. Rio de Janeiro: REVAN, 1998.

5. CONSOLIM, Marcia. Circulação de intelectuais e recepção das novas ciências do homem francesas no Brasil: 1908-1932. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, v. 33, n. 1, p. 17-51, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2021.172634>.
6. GOODWIN, John; HUGHES, Jason. Ilya Neustadt, Norbert Elias, and the Leicester Department: personal correspondence and the history of sociology in Britain. **The British Journal of Sociology**, v. 62, n. 4, p. 677-695, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1468-4446.2011.01386.x>. PMID:22150381.
7. JONES, Robert Allun. The new history of sociology. **Annual Review of Sociology**, v. 9, n. 1, p. 447-469, 1983. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev.so.09.080183.002311>.
8. MAIA, João Marcelo Ehlert. O Pensamento Social no Brasil e os historiadores: notas sobre uma interdisciplinaridade desigual. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 14, n. 36, p. 509-534, 2021. DOI: <https://doi.org/10.15848/hh.v14i36.1721>.
9. MAIA, João Marcelo Ehlert; RODRIGUEZ, Diana Rebelo. A 'Yankee Savage in Radical Clothing': the contribution of Latin American intellectuals to Irving Horowitz's critical sociology. **The American Sociologist**, v. 54, n. 2, p. 270-297, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1007/s12108-023-09565-4>.
10. MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 41, p. 141-158, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69091999000300009>.
11. RIDENTI, Marcelo. Memorial apresentado em 2004 na UNICAMP. In: BOTELHO, André; HOELZ, Maurício; CARVALHO, Lucas (ed.). **Modos de narrar a sociologia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 2025. p. 299-310.
12. SICA, Alan. A sociology archive and the future's discipline. **The American Sociologist**, v. 26, n. 2, p. 70-77, 1995. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF02692028>.
13. SORÁ, Gustavo. **Editar desde la izquierda en América Latina: la agitada historia del Fondo de Cultura Económica y de Siglo XXI**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2019.
14. TEISSERENC, Maria José. Memorial apresentado em 2019 na UFPA. In: BOTELHO, André; HOELZ, Maurício; CARVALHO, Lucas (ed.). **Modos de narrar a sociologia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 2025. p. 331-346.
15. WAIZBORT, Leopoldo. Para uma sociologia do memorial acadêmico: um fragmento. **Literatura e Sociedade**, v. 3, n. 3, p. 77-82, 1998. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i3p77-82>.

Fonte de financiamento: Nada a declarar.

Conflito de interesses: Nada a declarar.

Contribuição dos Autores: O primeiro autor desempenhou todas as funções.

Disponibilidade de Dados: Nenhum dado de pesquisa foi utilizado.

Uso de tecnologia assistida por inteligência artificial: Os autores declaram que nenhuma ferramenta de inteligência artificial foi utilizada na pesquisa aqui relatada ou na preparação do artigo.

Editor: Enio Passiani (UFRGS, Brasil).

João Marcelo Ehlert Maia é doutor em Sociologia pela IUPERJ. joao.maia@fgv.br

Recebido: 05 maio 2026.

Aceito: 20 jul. 2026.